

Escolaridade e Inclusão Digital de Idosos de uma Estratégia Saúde da Família de um Município do Rio Grande do Sul: Estudo Qualitativo

Schooling and Digital Inclusion of Elderly in a Family Health Strategy in a Municipality of Rio Grande do Sul: Qualitative Study

Sandra Maria de Mello Cardoso, Andressa Peripolli Rodrigues, Zaleia Prado de Brum, Mariéli Terezinha Krampe Machado, Sara Gallert Sperling

Como citar este artigo:

CARDOSO, SANDRA MARIA M.; RODRIGUES, ANDRESSA P.; BRUM, ZALEIA PRADO.; MACHADO, MARIÉLI TEREZINHA K.; SPERLING, SARA G. Escolaridade e Inclusão Digital de Idosos de uma Estratégia Saúde da Família de um Município do Rio Grande do Sul: Estudo Qualitativo. Revista Saúde (Sta. Maria). 2021; 47.

Autor correspondente:

Nome: Sandra Maria de Mello Cardoso
E-mail: sandra.cardoso@iffarroupilha.edu.br
Telefone: (55) 3931-3900
Formação: Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha/Campus Santo Ângelo.

Filiação Institucional: Instituto Federal Farroupilha, Campus Santo Ângelo/RS
Endereço: RS 218 - Km 5
Bairro: Indúbras
Cidade: Santo Ângelo
Estado: Rio Grande do Sul
CEP: 98806-700

Data de Submissão:

06/03/2020

Data de aceite:

15/07/2021

Conflito de Interesse: Não há conflito de interesse



RESUMO:

Objetivo: verificar a escolaridade e a inclusão digital dos idosos de uma Estratégia Saúde da Família de um município do Rio Grande do Sul. **Método:** pesquisa com abordagem qualitativa e descritiva, realizada com 10 idosos. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, gravada, transcrita e analisada pela análise de conteúdo temática de Minayo. **Resultados:** em relação à escolaridade foi identificado um idoso analfabeto e os demais estudaram de um a cinco anos. Nenhum deles acessa as redes sociais e todos dependem de alguma ajuda para utilizar o cartão bancário. Os idosos também consideram importante adicionar nos currículos escolares informações sobre o processo de envelhecimento. **Conclusão:** foi possível observar que a escolaridade dos idosos do estudo é baixa e que a inclusão digital não ocorreu à essa população. Assim, reforça-se a importância da educação e da inclusão digital voltada para a população idosa para promoção da interação social, estimulação mental e bem-estar, reduzindo o risco de isolamento social.

PALAVRAS-CHAVE: Idoso, Educação, Inclusão digital, Enfermagem geriátrica.

ABSTRACT:

Aim: to verify the education and digital inclusion of the elderly in a Family Health Strategy in a city in Rio Grande do Sul. **Method:** research with a qualitative and descriptive approach, carried out with 10 elderly people. Data were collected through semi-structured interviews, recorded, transcribed and analyzed using Minayo's thematic content analysis. **Results:** in relation to education, an illiterate elderly person was identified and the others studied from one to five years. None of them access social networks and all depend on some help to use their bank card. Elderly people also consider it important to add information about the aging process to school curricula. **Conclusion:** it was possible to observe that the educational level of the elderly in the study is low and that digital inclusion did not occur in this population. Thus, it reinforces the importance of education and digital inclusion aimed at the elderly population to promote social interaction, mental stimulation and well-being, reducing the risk of social isolation.

KEYWORDS: Aged, Education, Digital inclusion, Geriatric nursing.

INTRODUÇÃO

Devido ao crescimento demográfico de pessoas idosas e pelo aumento da expectativa de vida, as discussões sobre o envelhecimento têm crescido significativamente, de acordo com as mudanças e transformações nos campos sociais, econômico, educacionais e na saúde¹. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) tem registros que, em 1980, existiam cerca de 16 idosos para cada 100 crianças, em 2000 já eram 30 idosos para 100 crianças², sendo que as pessoas maiores de 60 anos representam 12% da população mundial, com previsão de dobrar esse quantitativo até 2050 e triplicar em 2100³.

Para a história da humanidade, esses dados podem ser considerados de sucesso, pois anos a mais de vida permitem à população planejar o futuro⁴. No entanto, em meio a essa população crescente de idosos, muitos são ainda analfabetos ou semianalfabetos. O país tem 11,8 milhões de analfabetos de 15 anos ou mais, o que corresponde a 7,2% da população, sendo que a população mais velha possui uma taxa elevada de analfabetismo e parte significativa da população ativa será ainda analfabeta até, pelo menos 2020, ou seja, 8% da população ativa acima de 40 anos¹.

A educação como direito de todos e dever do Estado é assegurada pela Constituição Federal de 1988 e estabelece que o ensino fundamental obrigatório e gratuito é extensivo para todos os brasileiros que não tiveram acesso à escola na idade apropriada⁵. A importância da educação na terceira idade tem a mesma relação daquela que ferramenta o jovem para a idade adulta, pois permite adquirir conhecimentos que vão prepará-los para a velhice, além de interagir com a sociedade⁶.

A Política Nacional do Idoso⁷, o Estatuto do Idoso⁸ e as disposições advindas desses documentos salientam a importância da promoção da educação, bem como a aproximação entre os jovens e idosos. Assim, deve-se oportunizar o acesso do idoso à educação, adequando-se os programas educacionais a ele destinados.

A educação para tecnologia ou o uso destas também apresenta lacunas para os idosos. O uso de computadores era, inicialmente, difícil de ser acessado por todos; atualmente, essa ferramenta é utilizada no mundo todo, no entanto, para os idosos acompanharem as modificações sociais e tecnológicas é complexo, pois viveram em épocas em que o tempo avançava em outra velocidade⁹.

O domínio da informática cresceu rapidamente e de forma contínua, onde o conhecimento sobre o computador passou a fazer parte da cultura contemporânea, atualizada e inclusiva, influenciando na autovalorização, autoimagem e na autoestima de idosos⁸. Diante disso, a inclusão digital é uma exigência da sociedade, porém, ainda não se encontra preparada para atender igualmente a todos os cidadãos, principalmente, os idosos.

Com isso, o objetivo deste artigo foi verificar a escolaridade e a inclusão digital dos idosos de uma Estratégia Saúde da Família (ESF) de um município do Rio Grande do Sul.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa e descritiva¹⁰⁻¹¹, realizada em uma ESF da zona urbana, localizada em um município na região noroeste, no interior do Rio Grande do Sul (RS). O município possui uma ESF no interior e seis na zona urbana. Foi escolhida uma na zona urbana através de sorteio em computador por meio do sistema de cadastro das unidades.

O cenário da ESF foi escolhido, pois é o local que permite um maior acesso a população idosa adscrito, garantindo promoção à saúde e facilitando o contato com essa população. Nesse sentido, é possível minimizar vieses que pudessem interferir no estudo, caso fossem incluídos idosos não cobertos por esse tipo de serviço.

O acesso à lista de um total de 28 idosos ocorreu através do contato com a instituição de saúde e somente após ser firmada a declaração da entidade coparticipante. Foram considerados como critérios de inclusão ser idoso e estar adscrito à unidade de saúde. Como exclusão: não ser encontrado para coleta de dados, não possuir compreensão e expressão verbal e com capacidade cognitiva baixa para responderem à pesquisa. Foram incluídos no estudo 10 idosos cadastrados na referida unidade, através de sorteio por envelope.

Os dados foram coletados por apenas um coletador, devidamente capacitado, durante o mês de outubro de 2018, por meio de entrevista semiestruturada com perguntas abertas e fechadas, para caracterização sociodemográfica e de inclusão digital, realizada em local reservado, gravada mediante autorização do idoso e transcrita em sua íntegra. Posteriormente, foi realizada análise de conteúdo temática de Minayo¹⁰ a partir das falas dos sujeitos e os demais dados apresentados por meio de frequência relativa e absoluta.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram respeitadas as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa com seres humanos, da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde¹². Os sujeitos foram informados do objetivo do estudo, bem como o direito a participar ou não da pesquisa e livre decisão de desistir se assim o desejar, não resultando de sua participação ou recusa, nenhum risco a sua condição de participante da pesquisa.

Para que fosse mantido o anonimato dos participantes da pesquisa, eles foram identificados pela letra "I" de idoso seguido de numeração consecutiva. Foi apresentado aos sujeitos antes de participar do estudo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e encaminhado ao secretário municipal de saúde a Declaração da Instituição Coparticipante solicitando autorização para realização da mesma. Os dados apenas foram coletados após a aprovação pelo Comitê de Ética do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, sob o parecer número 2.354.458.

RESULTADOS

A partir da caracterização dos idosos, foi possível identificar idades entre 64 e 90 anos, tendo a maioria 60 a 70 anos (n=5), predominância de mulheres (n=7), casados (n=10), que vivem com um salário mínimo (n=5) e a maioria tem

de um a cinco anos de estudo (n=9). Os idosos eram aposentados (n=9) cujo companheiro também se apresentava na mesma situação, tendo uma idosa (n=1) que ainda atuava como doméstica para complementar a renda. Parte dos idosos (n=8) utiliza somente o Sistema Único de Saúde para atendimentos à saúde, nenhum idoso acessa redes sociais ou outra ferramenta e todos (n=10) dependem de algum auxílio para utilizar o cartão bancário, conforme é possível observar na tabela abaixo.

Tabela 1: Caracterização dos idosos de uma ESF. Santo Angelo, RS, Brasil, 2018.

Variáveis	Frequência absoluta (n)	Frequência relativa (%)
Idade		
60 a 70 anos	5	50%
71 a 80 anos	3	30%
81 a 90 anos	2	20%
Sexo		
Feminino	7	70%
Masculino	3	30%
Estado Civil		
Vivem com companheiro(a)	10	100%
Não possui companheiro(a)	0	0%
Renda		
Sem renda	1	10%
1 Salário Mínimo*	5	50%
2 Salários Mínimos	4	40%
Anos de Estudo		
Analfabeto	1	10%
Um a cinco anos	9	90%
Situação Laboral		
Aposentado(a)	9	90%
Trabalha para complementar a renda	1	10%
Utilização dos Serviços de Saúde		
Apenas SUS	8	80%
Possui Plano de Saúde Suplementar	2	20%
Acesso às redes sociais ou outra ferramenta		
Sim	0	0%
Não	10	100%
Dependência para uso do cartão bancário		
Sim	10	100%
Não	0	0%

*Salário Mínimo em 2018=R\$1.108,38

Fonte: Próprio Autor

Em relação a oportunidade de educação, os idosos entrevistados relatam que:

“...não podia estudar, porque tinha que trabalhar...” (I1 - 86 anos)

“...estudei só um ano. Sei desenhar meu nome...” (I2 - 71 anos)

“...na minha época a escola era longe. Caminhava 6 quilômetros para chegar lá e ainda o mesmo professor dava aula, na mesma sala, para o primeiro, segundo e terceiro ano...” (I3 - 69 anos)

“...estudei até a quinta série. O estudo me fez muita falta. Hoje eu faço meus filhos estudarem...” (I4 - 70 anos)

“...estudei até o terceiro ano. Quero que meus filhos estudem porque é importante para a vida...” (I5 – 63 anos)

É possível perceber nessas falas que os idosos relacionam a educação com a construção de uma carreira que irá melhorar a qualidade de vida das pessoas e oportuniza o crescimento profissional, bem como econômico. Também se destaca que a maioria considera a educação importante, pois incentivam os filhos a estudar, dedicando-se para que os filhos frequentem a escola, muitas vezes, tendo que abdicar de sua própria vida para que os filhos tenham um futuro melhor que o seu.

Outro dado importante é o baixo nível socioeconômico dos entrevistados. A formação geral na educação básica é essencial para uma atuação ativa e autônoma do sujeito na vida social, mas também para a continuidade da vida acadêmica no ensino superior, proporcionando uma melhor incorporação no mercado de trabalho.

Em relação à inclusão digital, os entrevistados destacaram:

“...meus filhos passam agarrados no celular, nem dão bola quando a gente fala com eles. Eu quase não saio.” (I5 - 63 anos)

“... meu neto me ensinou a usar o [aplicativo de mensagem], se não fosse isso eu ficaria muito tempo sozinha.” (E6 - 81 anos)

“...meus netos quando vem me ver ficam só no telefone. Acho que se eu tivesse um aparelho desses e soubesse usar eu ia falar melhor com eles.” (E7 - 68 anos)

“...meus netos passam no celular e não ligam pra gente.” (I8 - 69 anos)

“Aprendi usar o celular com meu neto, aí conversei com ele, meus filhos e amigas para combinar do bailinho na quinta-feira.” (E9 - 75 anos)

“Saio muito pouco. Se pudesse ter um celular acho que falava mais com meus filhos. Não é fácil ficar velho.” (I10 - 78 anos)

Observa-se nas falas que o idoso tende ao isolamento, pois pelos valores apresentados pela sociedade não encontra espaço e, dessa maneira, não tem mais utilidade. Ainda, foi possível observar que nas condições em que vivem, há uma perda nas suas relações afetivas, provocando dificuldades de incorporar-se novamente num âmbito que os permitiria desfrutar de uma melhor qualidade de vida.

A idade não impossibilita o acesso ao computador, no entanto, o ambiente educacional das aulas para esse grupo populacional é diferente do ambiente que frequentaram quando jovens, onde o ensino se dava pela autoridade e a maneira de resolver um problema era o castigo. Diante disso, não se deve subestimar as potencialidades e as capacidades dos idosos, mas sim, respeitar sua limitação diante da utilização do computador.

Desta maneira, a educação aparece como um mecanismo fundamental para a construção de uma nova pessoa, por meio da socialização e integração, diminuindo os choques culturais e sociais presentes, independente de idade ou

classe social. Normalmente, os idosos apresentam dificuldades no acesso as redes sociais e outras ferramentas, além da necessidade de alguém para acompanhá-los no banco quando precisam manusear o cartão no caixa eletrônico, conforme os entrevistados do estudo que informaram a mesma dependência.

DISCUSSÃO

De acordo com Censo (2000)², no Brasil ainda existe um índice de 5,1 milhões de pessoas idosas que se encontram na linha do analfabetismo e poucos programas para atenderem a essas demandas. No município pesquisado existem 13 mil idosos nessa situação.

A educação não proporcionará qualidade de vida, mas vai permitir que os indivíduos ampliem suas relações pessoais, socializando-se, conhecendo novas realidades e dificuldades, vencendo barreiras. Os adequados modelos de atenção à saúde para os idosos devem ser aqueles que apresentam uma proposta de linha de cuidados, englobando ações de educação, juntamente com as relacionadas à saúde¹³.

Apesar da educação ser garantida, observa-se que em relação ao idoso existe a discriminação, pois muitos pensam que os mesmos são improdutivos e, portanto, sem capacidade de aprender. Isso, muitas vezes, se infiltra nos sentimentos do idoso, levando-o ao isolamento, pois considera-se inútil e um obstáculo para vida social¹⁴.

O município da referida pesquisa realizou em outubro de 2018 a I Conferência Municipal da Pessoa Idosa. Em um dos eixos “Educação: assegurando direitos e emancipação humana”, surgiu claramente, por parte dos idosos, que os jovens não têm respeito e há muito preconceito com esse grupo populacional. Por isso, apontaram que as escolas municipais e estaduais deveriam incluir em seus currículos um eixo transversal, sobre a política pública da pessoa idosa e o processo de envelhecimento.

Os idosos obtiveram garantias que foram regulamentadas na Lei 10. 741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso. Entretanto, existe a necessidade de implementar sua prática, visando à concretização dos princípios de equidade de oportunidades e de direitos, em que o poder público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais destinados a população idosa⁸.

Oportunizar o ensino e a alfabetização para os idosos significa devolver, mesmo que com o atraso da indiferença, um (re)encontro dessa população com os conhecimentos e ao que o saber ler e escrever podem proporcionar ao ser humano. Para tanto é preciso criar ações sociais de transformação, para que essa população obtenha o direito de ler e escrever¹⁵.

Uma pesquisa apontou que o atual contexto histórico-social necessita mudanças de paradigmas relacionados ao processo de envelhecimento. As pessoas, desde criança, precisam entender que envelhecer é um processo natural,

uma das etapas da vida que, como as outras, requerem cuidados, mas com a diferença que essa idade possui acúmulo de experiências e saberes adquiridos na escola da vida e que não devemos desprezar⁹.

A população, por meio da educação, pode reconhecer as mudanças, pois tem a capacidade de discernimento entre o que pensa ser certo ou errado, tecendo opiniões e propondo mudanças. Além disso, ajuda a reforçar no idoso o sentimento de valor pessoal, ao mesmo tempo em que possibilita uma forma de crescimento pessoal.

Além disso, a educação e a aproximação das diversas gerações podem contribuir para melhor entender o envelhecimento, provocando um conviver harmônico, aliviando o preconceito, seja ele explícito ou implícito¹⁶. Também no Estatuto do Idoso, artigo 22, diz que nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimento⁸.

Ao ser considerada a qualidade da educação adquirida durante todo o ensino básico, percebe-se que ela é influenciada pela condição socioeconômica da família de origem. Estudo demonstrou que as crianças e jovens que frequentaram escolas públicas e que são filhos de pais pobres e com pouco estudo apresentam no Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) um desempenho inferior ao dos estudantes de escolas particulares e que são filhos de pais ricos e com mais estudo¹⁷. Somado a isso, o ensino às pessoas da terceira idade, que são excluídos digitalmente, encontra-se ainda muito atrasado, principalmente, no que tange a dificuldade da aprendizagem do idoso na informática¹⁸.

Sabe-se que, na atualidade, a inclusão social está relacionada também com a inclusão digital, e nesse campo há muito o que realizar. O declínio de algumas atividades nos idosos não impossibilita a apropriação e o domínio do recurso tecnológico, mas precisa de um ambiente educacional específico, que consiga atender às condições de aprendizagem sobre a máquina e através dela explorar outras possibilidades de desenvolvimento do indivíduo¹⁸.

Ao mesmo tempo em que a sociedade se encontra informatizada, o Brasil e o mundo vivencia um aumento significativo de pessoas idosas, pois a expectativa atual de vida dobrou nos últimos 50 anos. Essas mudanças aconteceram em virtude da melhoria do padrão de vida do brasileiro, do progresso das condições de trabalho, à urbanização e ao desenvolvimento das condições gerais de saúde da população, especialmente, as relativas ao controle da mortalidade provocada por doenças comuns da infância¹⁹.

Esses dados podem contribuir para cenários que conduzem à violência e exploração. Cerca de 26% de todas as famílias possuem pelo menos uma pessoa idosa, contribuindo para explorações financeira dentro dos domicílios²⁰. Uma das violências contra o idoso é a financeira, que ocorre frequentemente devido a dependência das famílias ao benefício do idoso ou pela incapacidade do idoso de gerir sua vida financeira²¹.

Na sociedade contemporânea a informatização permitiu novas formas de comunicação através da internet. Entretanto, nem todos têm acesso a esta tecnologia e tornam-se os excluídos sociais, conhecidos como excluídos digitais ou analfabetos tecnológicos, da qual os idosos têm parcela representativa.

Hoje, essa ferramenta proporciona as pessoas se comunicar com muita facilidade e é utilizada no mundo inteiro. No entanto, boa parte do público idoso tem muitas dificuldades de interagir com essas ferramentas. Dessa forma, para que ocorra mais facilmente a inclusão digital do idoso, torna-se necessário que sejam desenvolvidas dentro dos padrões de acessibilidade, não oferecendo obstáculo ao idoso, ou pelo menos que os minimizem²².

A inclusão digital objetiva capacitar o indivíduo a lidar com as tecnologias informacionais, contribuindo para sua reinserção social. Assim, a aprendizagem do uso das redes sociais ou outras ferramentas pode promover uma relação familiar mais próxima, além de oportunizar a aquisição de novos saberes.

No entanto, tem que se considerar na promoção da inclusão do idoso no contexto do mundo digital, sua linguagem, suas alterações físicas, cognitivas e emocionais e buscar profissionais capacitados para lidar com esse grupo populacional, a fim de facilitar a aprendizagem do idoso²³. Além disso, são necessários instrumentos como computadores, celulares, tablets que melhor atendam as necessidades do idoso, com plataformas acessíveis e adequadas à essa população.

Nesse sentido, o presente estudo apresenta implicações para o cuidado da pessoa idosa, por ressaltar a importância da garantia do acesso à educação e às ferramentas digitais, uma vez que podem repercutir na qualidade de vida dos idosos. Como limitação do estudo é destacado o fato da realização do estudo em apenas uma EFS, o que limitou a amostra, sendo necessário que novos estudos sejam realizados nessa perspectiva abrangendo um número maior de idosos e instituições de saúde.

CONCLUSÃO

Foi possível observar que a escolaridade dos idosos do estudo é baixa e que a inclusão digital não ocorreu à essa população. Também que os idosos consideram importante adicionar nos currículos escolares informações sobre o processo de envelhecimento, pois enfrentam discriminação por parte da sociedade. Dessa forma, os jovens saem da escola compreendendo as dificuldades e limitações advindas com a idade.

O processo de inclusão digital e a educação proporciona aos idosos a recuperação da autoestima, o exercício da cidadania e a interação social. Assim, reforça-se a importância da educação e da inclusão digital voltada para a população idosa para promoção da interação social, estimulação mental e bem-estar, reduzindo o risco de isolamento social.

REFERÊNCIAS

1. Miranda GMD, Mendes ACG, Silva ALA. O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências sociais atuais e futuras. *Rev bras geriatr gerontol.* 2016;19(3):507-19.
2. IBGE. Coordenação de População e Indicadores Sociais Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE; 2016. 146 p.
3. United Nations. Department of Economic and Social Affairs. World population prospects the 2015 revision: key findings and advanced tables. New York: United Nations; 2015.
4. Tavares RE, Jesus MCP, Machado DR, et al. Envelhecimento saudável na perspectiva de idosos: uma revisão integrativa. *Rev bras geriatr gerontol.* 2017;20(6):889-900.
5. Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília (DF): Senado Federal - Centro Gráfico; 1988. 292 p.
6. Antunes MC. Educação e bem-estar na terceira idade. *Revista Kairós Gerontologia.* 2017;20(1):155-70.
7. Brasil. Lei 8.842, de 4 janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Brasília: Senado Federal; 1994.
8. Brasil. Ministério da Saúde. Estatuto do Idoso. 3ª ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2013. 70 p.
9. Santos DB, Feitosa ET, Silva RO. O uso de tecnologias pela população idosa brasileira. *Tecnologias em Projeção.* 2016;7(2):80-7.
10. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa e saúde. 14ª ed. São Paulo: Huciter; 2014.
11. Polit DF, Beck CT. Fundamentos da pesquisa em enfermagem: avaliação de evidências para a prática de enfermagem. 7ª ed. Porto Alegre: ArtMed; 2011.
12. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde; 2012.
13. Veras RP, Oliveira M. Envelhecer no Brasil: a construção de um modelo de cuidado. *Ciênc Saúde Colet.* 2018;23(6):1929-36.
14. Azeredo ZAS, Afonso MAN. Solidão na perspectiva do idoso. *Rev bras geriatr gerontol.* 2016;19(2):313-24.
15. Küchemann BA. Envelhecimento populacional, cuidado e cidadania: velhos dilemas e novos desafios. *Soc. Estado.* 2012;27(1):165-80.
16. Trench B, Rosa TEC. Nós e o outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa. São Paulo: Instituto de Saúde; 2011. 290p.

17. Perosa GS, Dantas ASR. A escolha da escola privada em famílias dos grupos populares. *Educ. Pesqui.* 2017;43(4):987-1004.
18. Febrônio RJV. Inclusão digital na terceira idade: o processo de ensino/aprendizagem e dificuldades do idoso na informática. *Ideias & Inovação.* 2017;3(3):51-8.
19. Camargos MCS, Gonzaga MR. Viver mais e melhor? Estimativas de expectativa de vida saudável para a população brasileira. *Cad Saúde Pública.* 2015;31(7).
20. Silva CFS, Dias CMSB. Violência contra idosos na família: motivações, sentimentos e necessidades do agressor. *Psicol ciênc prof.* 2016;36(3):637-52.
21. Sampaio SO, Sousa WP, Sampaio LS, et al. Violência financeira em idosos. *C&D-Revista Eletrônica da FAI-NOR.* 2017;10(3):363-75.
22. Cardoso RGS, Stefanello DR, Soares KVBC, et al. Os benefícios da informática na vida do idoso. *Computer on the Beach.* 2014;340-9.
23. Meneses KVP, Garcia PA, Abreu CBB, et al. TO Clicando - inclusão social e digital de idosos. *Cad Bras Ter Ocup.* 2016;24(3):621-8.